

EM MEMÓRIA DE LÍVIO TEIXEIRA.

Do Púlpito à Cátedra (*).

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo.

Em julho do corrente ano (dia 25 de julho de 1975) tive oportunidade de publicar neste mesmo local extenso artigo sobre um venerando pastor protestante, Alfredo Borges Teixeira, que poucos dias antes falecera quase às vésperas de seu próprio centenário. Nele fiz referência a algumas pessoas de sua família, notadamente seu filho mais velho, Lívio Teixeira, que foi, durante muitos anos, meu companheiro de trabalho na Universidade de São Paulo. Tal artigo já estava entregue à composição, portanto sem possibilidade de alterações, quando deparei num dos jornais de São Paulo com a notícia do falecimento de Lívio, que, assim, acompanhou, a distância de poucos dias, seu nobre genitor.

Na impossibilidade de, no mesmo artigo, fazer referência à triste ocorrência, impus-me o dever de evocar, oportunamente, nesta mesma coluna, o companheiro de tantos anos, do qual, embora afastado pelas contingências da vida, guardei sempre excelentes recordações. No artigo de julho lembrara que Lívio Teixeira, também pastor na primeira fase de sua vida, trocara o púlpito pela cátedra, realizando bela carreira como professor de História da Filosofia na Universidade de São Paulo, cargo que exerceu até a aposentadoria. Foi ali que o conheci, encontrando-o já cursando o último ano da seção de Filosofia. Lívio procurava obter seu terceiro diploma superior, pois já era formado em Teologia e em Direito. Quanto à advocacia, nem sei se alguma vez a exerceu. Quanto ao ministério, foi pastor em Bebedouro, vindo logo para a Capital chamado a lecionar no Seminário e a dirigir *O Estandarte*, jornal oficial de sua igreja. A mais antiga re-

(*). — Artigo transcrito do *Correio Popular*, de Campinas, em 19 de dezembro de 1975 (*Nota da Redação*).

cordação que tenho de seu nome é justamente a de o ter visto no frontispício desse jornal, pois em nossa casa, dada a formação de minha família, assinava-se *O Estandarte*.

Todavia, a maior lembrança que me ficou dessa fase pastoral de Lívio Teixeira foi por ocasião de séria crise doutrinária que, em 1938, abalou a Igreja Presbiteriana Independente. Já mencionei no artigo que esta Igreja, a primeira organização eclesíástica protestante de caráter nacional, resultou de uma cisão da Igreja Presbiteriana em 1903, quando sete pastores, levantando a bandeira da incompatibilidade entre a Maçonaria e a Igreja Cristã, desligaram-se da tradicional Igreja Presbiteriana, na época totalmente mantida pelas missões norte-americanas. A essa nova igreja nacional deram sua adesão expressivas figuras do protestantismo brasileiro, tais como Eduardo Carlos Pereira, Otoniel Mota, Bento Ferraz, Ernesto Luís de Oliveira, entre outros, e do grupo original o pai de Lívio foi o último sobrevivente. Era natural, pois, que o filho ingressasse na comunidade de que seu pai fora um dos fundadores.

A crise de 1938 — provocada pela dúvida levantada por um jovem pastor, no exame prévio para a sua ordenação, acerca de algumas doutrinas consideradas fundamentais pela igreja tradicional — determinou a convocação de um Sínodo especial, do qual tive oportunidade de assistir, como curioso, diversas sessões. Tudo se fez para evitar nova cisão na Igreja, mas, baldados os esforços, não querendo que ela se dididisse em duas, acabaram dividindo-a em três... A ala mais liberal, liderada por Otoniel Mota e da qual participava Lívio Teixeira, instalou-se com uma capela de cultos à rua Baronesa de Itú, com o nome, se a memória não me falha, de Igreja Cristã de São Paulo.

Nessa época, Lívio Teixeira já era professor da Universidade, pois, apenas diplomado, passou a integrar o corpo docente da seção de Filosofia, a princípio como assistente de Jean Maugué, e, depois, como titular da cadeira de História da Filosofia. Ao lado de João Cruz Costa, seu amigo e companheiro de lutas e de ideais, foi um dos baluartes do curso de Filosofia e da própria Faculdade. A crise religiosa de 1938 marcou sua ruptura com a Igreja Presbiteriana Independente. Trocou, então, definitivamente, o púlpito pela cátedra.

Nos muitos anos em que, como secretário da Faculdade de Filosofia, tive com Lívio Teixeira um convívio quase diário, apreciei-lhe grandemente o caráter e a nobreza de sentimentos, sem falar em sua extraordinária modéstia. Nunca o vi envaidecido, da mesma forma que nunca o vi integrando grupos, "panelinhas" ou "igrejinhas", como é tão frequente na vida universitária. Nunca o vi fazendo "política", no mau sentido do termo. Isto não significa que tenha ocorrido no

pecado da omissão. Ao contrário, quando, nos momentos de crise, a Universidade dele precisou, soube sempre lutar pela boa causa, com desassombro e elevação de princípios. Por isso tudo sempre se fez respeitado. Num ambiente onde a inveja e a maledicência campeavam à solta, Lívio Teixeira foi dos poucos a quem nunca ouvi sequer uma restrição, seja de ordem moral ou cultural. Este, o seu maior galardão. Perseguiu a carreira, pelejou o bom combate e recebeu a coroa da recompensa.

Vocação autêntica para a reflexão, já em 1936, ainda estudante, publicou em o primeiro número da revista *Filosofia, Ciências e Letras*, excelente ensaio intitulado "Mecanismo e Finalidade na *Evolução Criadora* de Bergson". Assumindo a docência, atendeu a todas as exigências da carreira universitária: doutorado, livre-docência e cátedra, produzindo para cada uma dessas provas teses que honrariam a bibliografia filosófica de qualquer país. Nicolau de Cusa, Espinosa e Descartes foram os pensadores que escolheu para seus trabalhos e que constituíram os três livros que nos legou. Na publicação do primeiro tive certa responsabilidade. Um dia, em minha sala, Lívio comentava a dificuldade em publicar sua tese de doutoramento que, como tantas outras, jazia, inédita, no arquivo da Secretaria. Na mesma ocasião, Eurípedes Simões de Paula havia lançado a *Revista de História*, com um programa o mais vasto possível, abrangendo todas as áreas da cultura histórica. Que melhor lugar para se publicar uma tese sobre história da filosofia? Aceita a minha sugestão, o mais foi questão de entendimento com o diretor da Revista que, por coincidência, era também o diretor da Faculdade de Filosofia. E quem percorrer os números 5, 6 e 7 da conceituada publicação, neles encontrará a tese com que Lívio Teixeira fez jús ao doutorado: *Nicolau de Cusa: estudo dos quadros históricos em que se desenvolveu seu pensamento*, seguido da análise de alguns capítulos da obra do filósofo. Ainda na mesma *Revista de História* publicaria, alguns anos depois, o artigo *A religião de Descartes* e a resenha de um livro de Alain Guy sobre os filósofos espanhóis. Tirado em separata, *Nicolau de Cusa* veio a constituir um dos primeiros volumes da chamada *Coleção da Revista de História*.

Por essa época, Lívio já havia traduzido o volume sobre Voltaire da preciosa coleção *Pensamento vivo*, em boa hora lançada no Brasil pela Editora Martins. A carreira universitária propiciou-lhe os dois outros importantes livros: *A doutrina no modo de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa* (1954) e *Ensaio sobre a moral de Descartes* (1956). De permeio, alguns trabalhos apresentados a congressos internacionais sobre Bergson e sobre a ética de Espinosa. Foi, ainda, diretor da Faculdade de Filosofia do Mackenzie e participou de importantes comissões na instituição a que vinculou a

segunda fase de sua vida, mais longa e bem mais produtiva que a primeira .

Na preocupação memorialística a que, talvez pela força da idade, estou sendo arrastado, muito teria ainda a escrever sobre Lívio Teixeira. Mas este espaço não permite. Talvez um dia o faça. Por ora, apenas esta modesta evocação do grande mestre que tão bem ilustrou a Universidade de São Paulo. Mestre e amigo, cuja lembrança ficará, impercível, entre os que o conheceram.